

INFORMAÇÕES SOBRE A PROVA

Duração da prova: 60 minutos

Material autorizado:

- Documento de identificação pessoal (Cartão de Cidadão, Bilhete de Identidade ou Passaporte);
- Esferográfica/caneta preta ou azul de tinta indelével.

Material não autorizado: Para além dos elementos autorizados, não é permitido o uso de outro tipo de material.

ATENÇÃO: Qualquer telemóvel ou outro meio de comunicação móvel que, ligado ou desligado, seja detetado na posse do candidato, determina a anulação da prova.

Estrutura da prova: A prova é constituída por três partes.

Parte I
(70 valores)

Leitura de um texto, não técnico, escrito em português.
Resposta a algumas questões sobre o texto.
Pretende-se avaliar a capacidade de compreensão.

Parte II
(100 valores)

O candidato deve elaborar um texto, em português, sobre um tema não técnico.
Pretende-se avaliar a capacidade de organização e de exposição de ideias.

Parte III
(30 valores)

Leitura de um texto, não técnico, escrito em inglês.
Classificação de algumas afirmações, em português, sobre o texto, sendo solicitado ao candidato que indique quais as afirmações que são verdadeiras, as que são falsas e aquelas que, pela leitura do texto, não é possível classificar nem como falsas nem como verdadeiras.
Pretende-se avaliar a capacidade de compreensão de um texto não técnico em inglês.

Correção:

1. Na avaliação haverá penalizações por erros de ortografia, de construção de frase ou de ligação textual.
2. Considera-se correta a grafia prevista em ambas as versões do Acordo Ortográfico. A utilização das duas grafias numa mesma prova será objeto de penalização.

Nome: _____ Classificação: _____

PARTE I [Cotação: 70 pontos]

Leia atentamente o texto que se segue:

A era da incredulidade

Vivemos numa era em que todo o tipo de conhecimento científico enfrenta uma oposição organizada e, frequentemente, enraivecida. Fortalecidos por fontes de informação próprias e pelas suas próprias interpretações da investigação, os céticos declararam guerra ao consenso dos especialistas. Fala-se tanto nesta tendência em livros, artigos e conferências que o próprio ceticismo face à ciência se tornou uma expressão comum da cultura popular. De certa maneira, isto não causa surpresa. A ciência e a tecnologia interferem nas nossas vidas como nunca o fizeram. Para muitos, este novo mundo é maravilhoso, confortável e generoso, mas também mais complicado e, por vezes, inquietante. Enfrentamos hoje riscos que não conseguimos analisar com facilidade.

Neste mundo desconcertante, temos de formar o nosso sistema de crenças e agir em conformidade. “A ciência não é um conjunto de factos”, diz a geofísica Marcia McNutt, editora da prestigiada revista *Science*. “A ciência é um método para decidir se aquilo em que escolhemos acreditar encontra, ou não, fundamento nas leis da natureza.” No entanto, esse método não é naturalmente aceite pela maioria das pessoas. E, por isso, encontramos problemas constantemente.

Os problemas vêm muito de trás, como é evidente. O método científico conduziu-nos a verdades mais ou menos óbvias, frequentemente alucinantes e, por vezes, difíceis de engolir. No início do século XVII, ao afirmar que a Terra gira sobre o seu eixo e orbita o Sol, Galileu não estava apenas a rejeitar a doutrina da Igreja. Estava a pedir aos seus contemporâneos que acreditassem numa teoria que desafiava o senso comum. O Sol parece mesmo andar à volta da Terra e nós não sentimos a Terra girar. Galileu foi julgado e obrigado a retratar-se. Dois séculos mais tarde, Charles Darwin escapou a esse destino. Mas o seu conceito, segundo o qual toda a vida na Terra evoluiu a partir de um antepassado primordial e os seres humanos são primos distantes dos símios, das baleias e até de moluscos de grande profundidade, ainda é difícil de aceitar para muitos. O mesmo se aplica a outra ideia surgida no século XIX: o dióxido de carbono, gás invisível que todos exalamos constantemente, poderia afetar o clima da Terra.

Mesmo quando aceitamos intelectualmente estes preceitos da ciência, agarramo-nos subconscientemente às nossas intuições ou àquilo a que os investigadores chamam as nossas crenças ingénuas. A maioria das pessoas fá-lo baseando-se nas suas próprias experiências e nos relatos dos amigos – em histórias em vez de estatísticas. Qualquer indivíduo é capaz de fazer um teste ao antígeno específico da próstata, mesmo quando já não é recomendado, só porque este detetou a existência de cancro num amigo chegado. O mesmo acontece quando ouvimos falar sobre um conjunto de casos de cancro numa cidade com um aterro perigoso e partimos do princípio de que os cancros foram causados pela poluição. Na verdade, a ocorrência de dois fenómenos não significa

uma relação causal. E o facto de os acontecimentos se apresentarem conjugados não significa que não possam ser aleatórios.

O método científico implica disciplina difícil de cumprir até para cientistas. À semelhança de qualquer pessoa, os cientistas são vulneráveis àquilo que apelidam de tendência de confirmação, a inclinação para procurar e examinar apenas as provas que confirmem aquilo em que já acreditam. No entanto, ao contrário de qualquer outra pessoa, eles submetem as suas ideias a uma revisão formal por pares antes de as publicarem. E, caso sejam suficientemente relevantes, uma vez publicadas as conclusões, outros cientistas tentarão reproduzi-las e, congenitamente céticos e competitivos como são, ficarão satisfeitos por anunciar que elas não têm sustentação. Os resultados científicos são sempre provisórios, suscetíveis de posterior anulação ou retificação em função de experiências ou observações futuras. Os cientistas raramente proclamam uma verdade absoluta. A incerteza é inevitável.

A ciência apela ao nosso cérebro racional, mas as nossas crenças são, em grande parte, motivadas pela emoção, e a maior motivação de todas é mantermo-nos ao lado dos nossos pares. “Estamos todos no liceu. Nunca saímos do liceu”, brinca Marcia McNutt. “Qualquer indivíduo ainda sente necessidade de se enquadrar, e essa necessidade é tão forte que os valores e as opiniões locais estão sempre a sobrepor-se à ciência. E continuarão a sobrepor-se à ciência, sobretudo porque não existe uma desvantagem evidente em ignorar a ciência.”

Enquanto isso, a Internet facilita mais do que nunca a busca de fontes de informação e de “especialistas” que reforcem opiniões. Longe vai o tempo em que um punhado de instituições poderosas como as universidades de elite, as enciclopédias, os órgãos de comunicação de referência, até a National Geographic Society, atuavam como guardiães da informação científica. A Internet democratizou a informação e isso é bom. No entanto, juntamente com a fragmentação da oferta televisiva, ela tornou possível a vida no interior de uma “bolha de filtragem” que só deixa entrar a informação com a qual o indivíduo já concorda.

Vivemos atualmente uma época de mudanças incrivelmente rápidas e, por vezes, assustadoras. Nem tudo é progresso. A nossa ciência transformou-nos em organismos dominantes, com o devido respeito pelas formigas e pelas algas, e estamos a mudar o planeta inteiro. Claro que fazemos bem em questionar algumas das coisas que a ciência e a tecnologia nos permitem fazer. Mas isso implica seguir o método científico ou confiar em pessoas que o sigam e só depois decidir aquilo em que se acredita. Precisamos de ser muito melhores a encontrar as respostas, porque as perguntas não vão certamente tornar-se mais fáceis.

(Adaptado de Achenbach, Joel (2020). A era da incredulidade. *National Geographic Portugal*, nº 228, março de 2020).

cada resposta)

1. Na grelha de respostas apresentada em seguida, assinale com um “X” a opção que permite completar cada frase corretamente, de acordo com a informação dada no texto.

Questão	A	B	C	D
I				
II				
III				
IV				
V				

- I. Segundo o autor, o sistema de crenças de cada indivíduo
- (A) resulta de uma visão única da ciência.
 - (B) constrói-se a partir de leis da natureza predefinidas e únicas.
 - (C) assenta num método comum aceite pelo conjunto das pessoas.
 - (D) resulta da capacidade de cada um elaborar o seu próprio sistema.
- II. Galileu foi julgado e obrigado a retratar-se porque
- (A) defendeu que a vida na Terra evolui a partir de um antepassado primordial.
 - (B) anunciou que o dióxido de carbono podia afetar o clima do planeta.
 - (C) acreditou numa teoria que desafiava o senso comum.
 - (D) pensou que Charles Darwin tinha razão.
- III. O que neste texto especialmente se valoriza, lembrando a satisfação dos cientistas ao provarem ser contestáveis as conclusões defendidas por seus pares, é
- (A) um feroz espírito de emulação.
 - (B) uma consciência aguda da imperfeição do conhecimento.
 - (C) uma obstinação geneticamente determinada.
 - (D) um desejo de transformar o mundo.
- IV. Com a afirmação “Nunca saímos do liceu”, a geofísica Marcia McNutt pretende dizer
- (A) que continuamos a precisar de estar com os nossos pares.
 - (B) que somos eternamente jovens.
 - (C) que continuamos a precisar de nos sentirmos integrados.
 - (D) que percebemos as desvantagens de ignorar a ciência.
- V. Segundo o autor do texto, a Internet democratizou a informação e, como consequência disso,
- (A) as pessoas selecionam a informação tendo em conta a credibilidade da fonte.
 - (B) as pessoas selecionam a informação de acordo com as suas crenças.
 - (C) as pessoas perceberam que nem tudo é progresso.
 - (D) as pessoas transformaram-se em organismos dominantes.

2. No 4.º parágrafo do texto, diz-se, a propósito das “nossas crenças ingénuas”, que nos baseamos “em histórias em vez de estatísticas”. No mesmo parágrafo, adverte-se a respeito da leitura de números e registos: “o facto de os acontecimentos se apresentarem conjugados não significa que não possam ser aleatórios”. Como articular estas afirmações? [25 pontos]

3. Explique por que razão, na seguinte afirmação, que é apresentada no início do penúltimo parágrafo, a palavra *especialistas* foi colocada entre aspas: “a Internet facilita mais do que nunca a busca de fontes de informação e de “especialistas” que reforcem opiniões”. [25 pontos]

PARTE II [Cotação: 100 pontos]

Escreva um texto com um mínimo de 15 linhas sobre um dos temas apresentados em seguida, indicando claramente a sua escolha na folha de resposta:

A: Nem tudo é progresso?

B: Conhecimento científico, senso comum e experiência de vida.

OBSERVAÇÃO: Avaliar a capacidade de expressão escrita, apreciar a capacidade argumentativa, ponderar a aptidão para organizar ideias e examinar a correção linguística são os objetivos desta parte da prova.

Leia atentamente o texto que se segue. Responda às questões na grelha de respostas.

Mental Health Issues On the Rise Among Adolescents, Young Adults

Jaime Rosenberg

Rates of mood disorders and suicide-related outcomes have increased significantly among adolescents and young adults, and the rise of social media may be to blame.

Mental health problems are on the rise among adolescents and young adults, and social media may be a driver behind the increase. According to a new study, published by the American Psychological Association, rates of mood disorders and suicide-related outcomes have increased significantly over the last decade among these age groups, impacting females and those who are wealthier, in particular.

With increases in mental health problems concentrated among adolescents and young adults, “the results suggest that cultural trends in the last 10 years may have had a larger effect on mood disorders and suicide-related outcomes among younger people compared with older people,” according to the researchers.

Drawing on the National Survey on Drug Use and Health, the researchers of the study assessed data of 212,913 adolescents aged 12 to 17 from 2005 through 2017 and 398,967 adults aged 18 and older from 2008 through 2017.

Between 2008 and 2017, the amount of adults that experienced serious psychological distress in the last month increased among most age groups, with the largest increases seen among younger adults aged 18-25 (71%). Notably, rates of serious psychological distress increased by 78% among adults aged 20-21 during the time period. Meanwhile, there was a decline among adults aged 65 and older.

These findings were consistent across other measures, with the rate of adolescents and young adults experiencing depressive symptoms in the last year increasing by 52% and 63%, respectively, while rates remained stable adults aged 26 and older.

At the same time, suicidal ideation, plans, and attempts in the last year all increased more among younger adults than among older adults. However, the researchers noted that the low base rate suggests the finding should be interpreted with caution.

Last month, a survey from Pew Research Center revealed that teens in the United States are aware of these issues, with most in the age group reporting anxiety and depression as a major problem, and one that’s more prominent than bullying, drug addiction, and poverty.

With these clear generational differences revealed, the researchers looked at different cultural trends that might have played a role.

During the time period, unemployment fell and drug and alcohol use remained stable, indicating that economic and substance abuse issues were not to blame. And while younger generations may be more likely to seek help for mental health issues, this wouldn't account for all of the above findings, the researchers noted.

A likely explanation could be the concurrent rise in social media, they said. In addition to being less likely to interact face-to-face, those who use social media frequently are also more likely to be involved with cyber-bullying, which has been linked to depression, self-harm, and suicidal thoughts.

“The increase in adolescent major depressive episode began after 2011, concurrent with the increased ownership of smartphones and a concomitant increase in digital media time in this age group,” explained the researchers.

Another plausible explanation could be declining sleep duration among adolescents and adults, they said.

Reference:

Twenge J, Cooper A, Joiner T, Duffy M, Binau S. Age, period, and cohort trends in mood disorder indicators and suicide-related outcomes in a nationally representative dataset, 2005-2017 [published online March 14, 2019]. *J Abnorm Psychol*. doi: 10.1037/abn0000410.

<https://www.ajmc.com/focus-of-the-week/mental-health-issues-on-the-rise-among-adolescents-young-adults>

1. Leia o texto da Parte III da prova. Assinale com “V” as afirmações “Verdadeiras”, com “F” as afirmações “Falsas” e com “NA”, “Não se Aplica”, as afirmações sobre as quais o texto não dá informação explícita.

Segundo um estudo recente publicado pela American Psychological Association, o aumento de problemas de saúde mental entre adolescentes e jovens adultos poderá dever-se a alterações culturais ocorridas na década anterior a 2017.	
O declínio nos problemas de saúde mental na faixa etária acima dos 65 anos contrariou estudos anteriores a 2008.	
De acordo com um inquérito recente do Pew Research Center, os principais problemas referidos pelos adolescentes americanos são toxicod dependência, <i>bullying</i> e pobreza.	
Os investigadores consideram que o facto de as gerações mais jovens recorrerem mais facilmente a apoio profissional na área da saúde mental poderá explicar cabalmente as diferenças geracionais identificadas no estudo.	
Os investigadores encontraram uma correlação entre episódios depressivos na adolescência e a generalização do acesso a <i>smartphones</i> , com o conseqüente aumento do tempo passado nas redes sociais.	
Os resultados deste estudo confirmaram as expectativas dos investigadores relativamente ao impacto das redes sociais na saúde mental dos adolescentes e dos jovens adultos americanos.	